

TONELLI, Débora, *Immagini di violenza divina nell'Antico Testamento*, Bologna, Edizione Dehoniane 2014, 187 p. ISBN 978-88-10-41529-0.

Estamos perante o vol. 31 da coleção Scienze Religiose Nuova Serie, com o patrocínio da Fundação Bruno Kessler. A autora é investigadora nesta instituição, onde estuda em particular a origem bíblica do pensamento político moderno. Nesta conhecida editora de Bolonha já publicou em 2010 um volume sobre o Decálogo e em 2014 um outro sobre a relação entre os dez mandamentos e as nossas democracias. Na presente obra, a autora publica a reelaboração da sua tese de doutoramento em teologia bíblica do Antigo Testamento apresentada na Westfälische Universität de Münster, inserida no projeto "Estética e Teologia" da citada fundação, em Trento. Começou por ser orientada pelo saudoso professor Erich Zenger, e depois terminou a investigação sob a direção do professor Ulrich Berges.

A autora enfrenta um tema clássico dos estudos bíblicos – a violência e a imagem violenta de Deus. Esta questão tomou-se fonte de críticas à imagem de Deus e à teologia por parte de alguma modernidade dita pensante, mas pouca conhecedora quer dos contextos bíblicos quer dos confins da hermenêutica. Por estes motivos, a autora procurou mostrar a especificidade da linguagem bíblica no que a este tema diz respeito, socorrendo-se do confronto com o património religioso semita do mundo do Médio Oriente antigo. Dividiu o seu trabalho em três partes, analisando em cada uma delas uma perícopes respetivamente: as canções (*shîr*) de Ex 15,1-32 (cap.2) e Jz 5,1-31 (cap. 3) e a oração (*tephillah*) de Hab 3,1-19 (cap. 4). Estes três capítulos são balizados por um capítulo sobre a violência (cap. 1) e por outro sobre as conclusões a que chegou (cap. 5). As três perícopes citadas são apenas exemplificativas, pois existem muitas mais que apresentam a imagem de um Deus guerreiro. Para estudar cada uma das perícopes referidas, a autora recorre a um mesmo esquema: prospeção das várias hipóteses exegéticas já apresentadas sobre a perícopes em causa, hipótese de datação, o texto (com tradução, análise filológica, estrutural e exegética), a cena e síntese contentutística.

A autora privilegiou a análise literária muito perto da pragmatolinguística (p.159) para ajudar o leitor do texto bíblico a descobrir, quer a *intentio auctoris*, quer a visão não monolítica da divindade ("sinfónica": p. 26; "plural, poliédrica": p. 27), que nestes casos não é informativa mas transformativa. A escolha destes textos poéticos decorre dessa mesma intenção do autor bíblico ou dos vários autores bíblicos cujas escolhas foram redigindo e formando mais tardiamente estas passagens compósitas (p. 90); ou seja, a preocupação não foi informar mas suscitar a emoção e provocar o leitor ouvinte na sua imaginação, o que só a poesia consegue fazer. O texto bíblico neste caso torna-se transformativo (p. 12), porque estimulante. Nestes casos fá-lo transferindo para Deus algumas características da violência humana. Neste processo, que estas passagens transmitem, o leitor ouvinte reencontra alguns dados comuns a alguns textos do mundo antigo que também desenhavam as divindades da época com tons bélicos, tal como a autora demonstra: a desdivinização da natureza, a supremacia da divindade sobre todo o criado, a subjugação dos povos inimigos que adoravam outros deuses, a possibilidade de atribuir a Javé ações e vitórias que o seu povo não é capaz de conseguir apenas por si ("Ele [Javé] é superior a outras divindades que nunca intervêm

na batalha para defender aqueles que se opõem a Javé [...] Ex 15 exprime uma visão religiosa madura na qual Javé é identificado com o Deus dos pais e arroga para Si características e funções que antes eram atribuídas a divindades diferentes [...] ao mesmo tempo Deus assume traços humanos": p. 81).

Com estes dados, a autora mostra que o texto bíblico que apresenta Deus como violento não pretende ser uma radiografia jornalística nem pode ser lido como tal. Antes, "o texto não pode ser tratado como um dado ou como um baluarte de uma doutrina" (p. 11). Estamos em Ex 15; Jz 5; Hab 3 noutro registo semântico, numa "experiência estética" (p. 114). Sobre o primeiro texto, a autora mantém justamente a tese de Albright, segundo a qual Ex 15 não é uma crónica mas um canto que reflete sobre Deus (p.44), um Deus que combate pelo seu povo. Ex 15 é uma "batalha insólita" (p. 83) porque o povo não combate com armas, é o próprio Deus de Israel quem o faz. A interpretação desta batalha não pode, por isso, ver aí uma crónica de um evento, mas antes o "emblema da vitória e da grandeza de Javé". Assim, o autor bíblico não quer incitar à violência mas à fé em Javé (pp. 84.112). Neste sentido, a autora avalia Jz 5 como um canto "épico" (p. 118) em que a fidelidade ao Senhor garante a salvação do povo. Por aí passa a superioridade de Javé face às divindades estrangeiras (p. 123). Este processo repete-se em Hab 3, em que "o profeta exalta a violência com a qual Deus prevalece sobre os inimigos, inculcando-lhes temor, infundindo esperança e força em quem Lhe é fiel [...] mais uma vez, as únicas armas de que o fiel dispõe são a sua espera fiel e o canto com que a professa" (p. 150; cf. p. 160).

Retemos como grande conclusão deste trabalho o seguinte: a imaginação humana crente em Israel projetou sobre Deus muitos dos seus desejos e anseios, interpretando a realidade com categorias hoje "inutilizáveis" (p. 26), pois várias vezes os autores bíblicos em Israel esperavam encontrar Deus em episódios de violência ou que Deus se revelasse de forma violenta. Esta experiência projetou para Deus o património de uma cultura num contexto cultural cujas categorias hoje não são mais utilizáveis ou frequentemente incompreensíveis para o mundo contemporâneo. Apesar das ambiguidades, a violência era uma "cifra de uma certa maneira de entender a relação entre Deus e o mundo" (p. 29; cf. p. 161). Afinal, a violência de Deus é a violência do Homem (p. 161), que imagina Javé como a resposta aos seus sofrimentos e aos seus desejos de justiça e de vingança (p. 163).

No final é apresentada uma bibliografia selecionada, que muito ajuda o leitor. Numa próxima edição corrija-se a repetição de um parágrafo inteiro da p. 148 na p. 152, omitindo a segunda ocorrência. Em suma, uma obra muito interessante e atual, numa linguagem clara e organizada, e que chama a atenção para a absoluta humanidade da palavra de Deus, neste caso na temática tão premente da violência. E é curioso como a autora, que desde o início se preocupa por implementar uma análise literária, sem nunca falar em "género literário", acaba por não conseguir deixar de recorrer à metodologia histórico-crítica, sobretudo à história das formas – *Formgeschichte*.

José Carlos Carvalho